

Crônica de um conflito anunciado

por Maria Cristina Fernandes
de São Paulo

Parauapebas, 27 de junho de 1984. Carreatas de jipes e caminhões desembarcam um exército de garimpeiros no distrito de Rio Verde. Bares e botequins se enchem. O vozerio cresce. Bancos e lojas encerram suas portas. Esgotado o estoque de cerveja, a carreata segue para o centro de Parauapebas. A ordem era atear fogo a tudo o que tivesse sido construído pela Companhia Vale do Rio Doce na cidade ao sopé da serra de Carajás.

O relato do dia em que Parauapebas foi incendiada está no artigo

"Da Serra Pelada à Serra dos Carajás. A Rebelião (Im)prevista dos Garimpeiros", do professor Aziz Nacib Ab'Saber, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. O artigo é o último a ser concluído para o livro que Ab'Saber lançará neste ano sobre a Amazônia. Ao fim de sua palestra de ontem, no segundo dia da 48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o professor Ab'Saber fez um prognóstico sombrio sobre o futuro da região, em conflito desde o incêndio de 1984. "Se Serra Pelada for incluída no patrimônio privatizável, o conflito vai ser agravado. O governo sempre cedeu aos garimpeiros. Sob um comando privado, deverá haver menos espaço para negociação", diz Ab'Saber.

A situação de conflito hoje vivida em Serra Pelada – com os moradores recusando-se a deixar a área, já inviabilizada para o garimpo manual –, relata o professor, nada mais é que o agravamento daquela tensão que provocou o incêndio de doze anos atrás. Dias antes da tragédia, o governo havia decidido não mais renovar o direito de garimpagem manual em Serra Pelada.

A decisão, protelada por quatro anos, provocou uma reação de estratégia militar. Os principais alvos eram a ponte entre Eldorado e Cu-

riónópolis e o aeroporto do alto da serra de Carajás, únicas vias de acesso para tropas policiais de reforço. Não seriam utilizadas armas de fogo, mas gasolina cruzada como combustível para os incêndios.

Naqueles últimos quatro anos, os garimpeiros haviam vivido sob as ordens de Sebastião Rodrigues de Moura, conhecido como major Curió. Em nome do Serviço Nacional de Informação (SNI), Curió acompanhava os acontecimentos de Serra Pelada desde janeiro de

"Se Serra Pelada for incluída no patrimônio privatizável, o conflito vai ser agravado"

1980. O garimpo foi cercado por arame farpado, as entradas e saídas passaram a ser controladas e a Polícia Federal foi chamada a garantir a segurança da área.

Eleito deputado federal pela região, Curió acabou caindo em descrédito junto ao presidente João Figueiredo depois da invasão de Parauapebas. Em Brasília, circulava a versão de que Curió nada havia feito para impedir a revolta dos garimpeiros.

O primeiro prédio a ser atingido foi o centro de triagem de traba-

lhadores, estabelecido para selecionar a mão-de-obra requerida pelas empreiteiras. O segundo a ser queimado foi a cadeia pública. A reação da população só começou a partir da investida dos garimpeiros sobre a escola pública, batizada com o nome do irmão do presidente da República, general Euclides Figueiredo. "Se vocês queimarem a escola de seus filhos, eles não vão conseguir uma vida melhor do que a que vocês têm." Com esse argumento, a diretora da escola dissuadiu os garimpeiros de incendiá-la.

Poupada a escola, os garimpeiros se dirigiram ao hospital, onde nova tragédia foi evitada pelo reencontro dos rebeldes com companheiros internados que já eram julgados mortos pela malária.

Aquela altura, a população do alto da Serra – funcionários da Vale – já havia sido transferida, em pânico, para abrigos no meio da floresta. Foram erguidas barreiras de terra na estrada que dá acesso ao núcleo residencial da serra. Ao se depararem com as barreiras, os garimpeiros, já afetados pela bebida e cansaço, desistiram e voltaram aos caminhões. Os líderes da rebelião fugiram e a grande massa de garimpeiros voltou para Serra Pelada. O temor de retaliação cedeu aos poucos ao recrudescimento da tensão, que hoje voltou a limites semelhantes àqueles de 1984.

10/11/84
301
4-8